

ISSN 1677-5473

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Secretaria de Pesquisa e Desenvolvimento
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Texto para Discussão 49

Estratégias para a Agricultura Familiar

Visão de futuro rumo à inovação

Daniela Matias de Carvalho Bittencourt

Editora Técnica

*Embrapa
Brasília, DF
2020*



Agricultura familiar, desafios e
oportunidades rumo à inovação

Daniela Matias de Carvalho Bittencourt

Agricultura familiar, desafios e oportunidades rumo à inovação

Resumo

A combinação de tecnologia, conhecimento e capacidade de inovação foi essencial para o desenvolvimento da agricultura brasileira. Entretanto, as pequenas propriedades, em sua maioria, não acompanharam o desenvolvimento observado nas grandes propriedades rurais nas últimas décadas. Nesse sentido, para a contínua promoção do desenvolvimento rural, é necessário proporcionar alternativas tecnológicas e inovadoras para os agricultores familiares, especialmente os de menor porte, para maior inclusão produtiva e consequente geração de renda, melhoria da qualidade de vida e, sobretudo, para o processo de sucessão familiar. Além disso, a inovação nas pequenas propriedades também contribuirá para a adoção de práticas que proporcionem o melhor uso dos recursos naturais, tornando, assim, a produção familiar cada vez mais sustentável ambientalmente. Portanto, neste capítulo, são apresentados o panorama atual da agricultura familiar no Brasil, as oportunidades e os desafios que se configuram para promoção da inovação no setor.

Termos para indexação: agricultura familiar, inovação, inclusão produtiva.

Family farming, challenges and opportunities towards innovation

Abstract

The combination of technology, knowledge and innovation capacity was essential for the development of Brazilian agriculture. However, most of small-scale farms have not kept pace with the development observed on large-scale farms in recent decades. In this sense, for the continuous promotion of rural development, it is necessary to provide technological and innovative alternatives for family farmers, especially the small-scale ones, for a greater productive inclusion and consequent income generation, improvement of quality of life and, above all, family succession. In addition, innovation in smallholdings will also contribute to the adoption of practices that make the best use of natural resources, thus making family production increasingly environmentally sustainable. Therefore, this paper presents a current overview of family farming in Brazil, the opportunities, and challenges for the promotion of innovation in the sector.

Index terms: family farming, innovation, productive inclusion.

Introdução



o Brasil, a agricultura familiar está intrinsecamente vinculada à segurança alimentar e nutricional da população. Ela não só impulsiona economias locais, como também contribui para o desenvolvimento rural sustentável ao estabelecer uma relação íntima e vínculos duradouros da família com seu ambiente de moradia e produção.

Do ponto de vista sociológico, os agricultores familiares representam uma forma social específica de trabalho e produção, que se situa em um espaço geográfico definido, cuja atividade implica a interação de um grupo familiar, ligado por laços de parentesco, com a terra e com os outros meios de produção, do mesmo modo que com outras unidades familiares e grupos sociais (Schneider, 2016).

As pessoas que se dedicam a esse tipo de atividade dependem da ampla sanidade do ambiente onde trabalham, produzem para o próprio sustento, buscam conquistar o bem-estar de sua família e procuram, de diferentes formas, participar do mercado de oferta de alimentos.

Panorama da agricultura familiar no Brasil



o Brasil, de acordo com o Censo Agropecuário do IBGE, de 2006, 84,4% dos estabelecimentos rurais são de base familiar e ocupam 74,4% da mão de obra que está no campo. Apesar disso, as propriedades familiares compreendem apenas 24,3% de toda a área rural do País. O tamanho limitado compromete a viabilidade financeira desses estabelecimentos, uma vez que a escala de produção se torna um problema estrutural para o agricultor.

Estudos indicam que, em média, o valor bruto de produção mensal por propriedade familiar é de 0,46 salário mínimo, o que coloca grande parte dos produtores em situação de extrema pobreza (Alves et al., 2016). No Nordeste, por exemplo, 72% dos produtores não geram lucros suficientes no estabelecimento para elevar a mão de obra da linha de pobreza (Helfand et al., 2014). Inevitavelmente, essa realidade tem reflexo danoso na sustentabilidade dos estabelecimentos rurais familiares.

Para promover continuamente o desenvolvimento rural, é necessário proporcionar alternativas tecnológicas inovadoras para os agricultores familiares. O intuito seria a geração de renda, a melhoria da qualidade de vida e, sobretudo, o aperfeiçoamento do processo de sucessão familiar.

Há um conjunto de razões que influenciam o baixo nível tecnológico presente nas propriedades

familiares em geral. Entre essas, estão o tipo de organização social, o acesso precário a informações, a pequena força de trabalho disponível, a infraestrutura inadequada e os limitados tamanho e localização das propriedades. Cada uma dessas dificuldades influencia por si só nos resultados econômicos obtidos pelos estabelecimentos rurais, isso sem falar na força da interação entre elas (Buainain et al., 2007).

Além do acesso a tecnologias, para a manutenção da viabilidade econômica dos estabelecimentos familiares e para incrementar a sua capacidade de se reproduzir como unidade social familiar, os agricultores devem estar atentos ao modo como operacionalizam as decisões e estratégias para organizar seu processo produtivo e a sua forma de inserção nos mercados (Ploeg, 1992). Nesse contexto, a mercantilização é entendida como o processo social capaz de fortalecer as bases de recursos das unidades produtivas e reforçar suas estratégias de reprodução (Schneider, 2016).

A inserção nos mercados pode ampliar o nível de bem-estar ou diversificar o acesso a bens de consumo, mas, ao mesmo tempo, pode expor os agricultores familiares aos problemas decorrentes da adversidade de preços ou das condições desiguais de poder de mercado. Entretanto, quanto mais os mercados se tornam competitivos e passam a operar em bases concorrenciais, mais eles favorecem a transição da produção apenas de excedentes para a produção especializada, o que acarretará na agregação de valor aos produtos provenientes da agricultura familiar (Ellis, 1988; Schneider, 2016).

Essa situação representa um grande desafio, principalmente quando a produção é feita em pequena escala. Com a perspectiva de desenvolvimento, o desafio dos agricultores familiares é melhorar sua capacidade de inserção nos mercados locais, por meio da inovação, da adoção de tecnologias e do estabelecimento de redes sociotécnicas e cooperativas.

Antes de tudo, é necessário desmistificar a herança histórica de que a agricultura familiar é basicamente uma agricultura de subsistência, voltada única e exclusivamente para o consumo da família, e quebrar as barreiras que impedem ou dificultam a transformação de um agricultor familiar em um empreendedor rural. É ainda fundamental buscar estratégias que viabilizem o estabelecimento de diferentes formas de associação por parte dos pequenos produtores. O sucesso nesse empreendimento não só melhoraria a capacidade de eles negociarem compras de insumos, como também criaria a possibilidade de encontrarem mercados mais estáveis para seus produtos.

Na região Sul do País, por exemplo, onde existe uma agricultura familiar mais organizada, o setor gasta muito mais em insumos comprados, dispõe de mais capital e produz muito mais do que seus congêneres em outras regiões. No Sul, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2006, a agricultura familiar consegue obter valor bruto da produção agrícola superior ao da agricultura não familiar – R\$ 1.613,94/ha contra R\$ 792,78/ha, respectivamente.

A bioeconomia – cujo desafio é transformar o modelo de desenvolvimento baseado em fontes fósseis em outro baseado em recursos renováveis – também

pode ser uma grande aliada na inserção da agricultura familiar nos mais diferentes mercados baseados em produtos provenientes da biodiversidade. De fato, como atesta a Comissão Europeia, a bioeconomia constitui uma economia particular, que procura utilizar “recursos biológicos da terra, água e mar, assim como resíduos de alimentos, como insumo para a produção industrial e de energia”. E não apenas isso; ela inclui entre suas tarefas “a utilização de processos baseados no uso de matérias-primas de base biológica para indústrias verdes” (Torres et al., 2017, p. 219).

Exemplo prático dessa condição é o fornecimento da biodiversidade brasileira para as indústrias de cosméticos nacionais e internacionais. Além de se posicionar como um dos setores com grande potencial para favorecer o crescimento sustentável da economia brasileira, a bioeconomia também contribui para o fortalecimento da relação entre a agricultura e a indústria (Ipea, 2017).

A biodiversidade é matéria-prima essencial para o futuro da bioindústria, e o Brasil tem a maior diversidade biológica no planeta, com muitos ativos de grande interesse para o comércio e a economia. Com a bioeconomia surgem possibilidades concretas para a utilização sustentável da biodiversidade. Algumas dessas possibilidades possuem estreita relação com as práticas proferidas pela agricultura familiar e privilegiadas por políticas públicas nacionais. Uma dessas é o Programa Nacional de Proteção da Agricultura Familiar (Pronaf).

Voltado para a agroecologia, o Pronaf incorpora conceitos baseados no uso sustentável dos recursos

naturais, o que também se alinha ao conceito de multifuncionalidade na agricultura, em especial no que diz respeito à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, os agricultores familiares podem ser vistos como destacados protagonistas da transição à economia sustentável, pois, ao mesmo tempo em que são produtores de alimentos e de outros produtos agrícolas, desempenham a função de conservadores da biodiversidade (Sachs, 2001).

Além da possibilidade de inserção dos agricultores familiares em diferentes mercados por meio da sua interação com as indústrias alimentícias, outras oportunidades se apresentam a esse segmento da economia rural. Algumas são abertas pelos chamados mercados alternativos, onde os nichos de mercados de proximidades, oportunistados por novos produtos, geralmente com maior valor agregado, compõem um grupo de oportunidades altamente promissoras.

Por sua vez, o consumidor moderno está mais exigente, preocupado não somente com a qualidade dos produtos consumidos, mas também com sua procedência. A ele interessa saber as condições em que o alimento foi produzido, isto é, se foi de forma sustentável, sem agressão ao meio ambiente. Essa mudança de comportamento – do mercado e do consumidor –, conhecida como “mercado verde”, abre possibilidades para novas frentes de mercado, com a consequente valorização de produtos orgânicos e saudáveis.

Nesse novo panorama, surgiu outra novidade, os chamados produtos tradicionais, que conseguem abrir espaço graças à demanda do consumidor pelo trabalho artesanal (*slow food*), por aspectos éticos (*fair trade*) e

étnicos, ou até mesmo por espaços mais caracteristicamente afeitos à sustentabilidade (Wilkinson, 2010). Essa nova situação fortalece os movimentos vinculados à qualificação de produtos com indicação geográfica, sejam os com denominação de origem, sejam aqueles com indicação de procedência.

A certificação de origem do produto valoriza os aspectos culturais e regionais. A questão é dar foco àquilo que é elaborado nas áreas tradicionais de produção, o que também contribui para o desenvolvimento do turismo rural relacionado à gastronomia. Muito comum na União Europeia, produtos com denominação de origem são alternativas para dinamizar atividades agrícolas tradicionais, principalmente as desenvolvidas em minifúndios ou regiões rurais fragilizadas economicamente.

Para viabilizar a inclusão produtiva dos agricultores familiares nas diferentes oportunidades que se configuram, se faz necessário estimular cada vez mais sua profissionalização e sua capacidade de empreendedorismo. O empreendedorismo, por exemplo, favorecerá o desenvolvimento tecnológico e a inovação do setor. Mas ambos são igualmente necessários à modernização da agricultura familiar.

A modernização implica o uso de insumos, processos, máquinas e equipamentos apropriados ao segmento e às condições dos agricultores familiares, permitindo ganhos significativos em produtividade e sustentabilidade. Isso, porém, tem um custo: depende de mais investimentos e do desenvolvimento de estratégias inovadoras na criação e na transferência de conhecimentos e de tecnologias.

Para que os agricultores familiares possam se sentir confiantes, seguros, com a adoção das novas tecnologias ou até mesmo de processos mais sofisticados de gerenciamento de sua propriedade, é fundamental que o processo de apropriação dessas tecnologias seja acompanhado de uma rede de suporte e estímulo. Essa é, sem dúvida, uma forma eficaz de ajudar o maior número possível de produtores, sobretudo os mais vulneráveis, estimulando-os a participar do fluxo de crescimento. Com ações desse tipo, abre-se a oportunidade de também se promover uma inclusão produtiva mais abrangente.

Como empresa de pesquisa, desenvolvimento e inovação, a Embrapa tem, historicamente, exercido papel relevante na geração de conhecimentos, tecnologias e estratégias inovadoras que contribuem intensamente para a inclusão produtiva da agricultura familiar. Mas isso não basta: é necessário entender melhor a agricultura familiar. E como isso se faz? Conhecendo melhor sua realidade, suas necessidades e as peculiaridades de cada região. Esse é um processo que demanda parceria entre a pesquisa, o ensino e a extensão e o agricultor familiar, estimulando, cada vez mais, a inovação do setor e seu acesso a vários mercados.

Considerações finais



momento atual reflete a necessidade de maiores investimentos e desenvolvimento de estratégias inovadoras que contribuirão não apenas para o

fortalecimento da agricultura familiar, mas também para a promoção do desenvolvimento regional. A inovação pode criar condições para a manutenção da viabilidade econômica das propriedades familiares e sua capacidade de se reproduzir como unidade social familiar, além de poder contribuir para a modernização do setor.

Agricultores familiares bem-sucedidos contribuem tanto para o fortalecimento do desenvolvimento regional, quanto para a fixação do homem no campo. E o resultado é mais segurança, mais qualidade e mais oferta de alimentos, medidas que, em síntese, ampliam a sustentabilidade agrícola.

Referências



ALVES, E.; SOUZA, G. da S.; SANTANA, C. A. M. Pobreza e sustentabilidade. **Revista de Política Agrícola**, ano 25, n. 4, p. 63-81, out./dez. 2016.

BUAINAIN, A. M.; CARVALHO, S. M. P.; SALLES-FILHO, S.; BONACELLI, M. B. M.; FUCK, M. P. **Agricultura familiar e inovação tecnológica no Brasil**: características, desafios e obstáculos. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

ELLIS, F. **Peasant economics**: farm households and agrarian development. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

HELFAND, S. M.; MOREIRA, A. R. B.; BRESNYAN JUNIOR, E. W. Agricultura familiar, produtividade e pobreza no Brasil: evidências do censo agropecuário 2006. In: SCHNEIDER, S.; FERREIRA, B.; ALVES, F. **Aspectos multidimensionais da agricultura brasileira**: diferentes

visões do Censo Agropecuário 2006. Brasília, DF: Ipea, 2014. p. 279-311.

PLOEG, J. D. van der. El proceso de trabajo agrícola y la mercantilización. In: GUZMAN, E. S. (Ed.). **Ecologia, campesinato y historia**. Madrid: Las Ediciones de la Piuqueta, 1992.

SACHS, I. Brasil rural: da redescoberta à invenção. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 75-82, set./dez. 2001. DOI: 10.1590/S0103-40142001000300008.

SCHNEIDER, S. Mercados e agricultura familiar. In: MARQUES, F. C.; CONTERATO, M. A.; SCHNEIDER, S. **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016.

TORRES, D. A. P.; FRONZAGLIA, T.; SANTANA, C. A. M.; ARAÚJO, D. L. M.; BOLFE, E. L.; LOPES, D. B.; PENA JÚNIOR, M. A. G.; SANTOS, G.; HENZ, G. Cenas - Bioeconomia: moldando o futuro da agricultura. In: BRASIL 2035: cenários para o desenvolvimento. Brasília, DF: Ipea: Assecor, 2017.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010.